

# Psicose e Clínica dos Nós: uma aposta na intervenção do analista

*Psychosis and the Clinic of Knots:  
a bet on the psychoanalyst's  
intervention*

**Marcia Müller Garcez, Ruth Helena Pinto Cohen**

## Resumo

A topologia dos nós, inaugurada pelo nó da família dos Borromeus – o nó borromeano – é concernente ao último ensino lacaniano, a partir do que Jacques Lacan elaborou inspirado na vida e obra do escritor irlandês James Joyce, para o conceito de *sinthoma*. Esse novo conceito extraído da lógica nodal possibilita uma leitura ainda mais singular, independente da estrutura clínica. Especialmente nos termos da psicose, o uso dos nós possibilita um olhar para as variações que se apresentam nessa clínica, assim como, permite lançar mão de intervenções orientadas pelo encadeamento dos nós que se apresenta nos registros do Real, Simbólico e Imaginário. A intervenção do psicanalista em determinadas situações de desencadeamento psicótico, ou diante de sua proximidade, pode ser considerada como uma espécie de nó-remendo, distinto do *sinthoma*. Esse nó-remendo é provisório, permite uma estabilização, para que então o trabalho clínico e a aposta no *sinthoma* possam seguir.

## Palavras-chave

Psicose, nó borromeano, *sinthoma*

## Abstract

*The topology of knots, founded by the knot of the Borromeus family – the Borromean knot – is in reference to the last teaching of Lacan, from which Jacques Lacan elaborated, inspired by the life and works of Irish author James Joyce, to coin the concept of *sinthome*. This new concept, based on the knot logic, allows for a more singular and independent reading of the clinical structure. Use of the knots, especially in terms of psychosis, makes it possible to view the variations present within this clinic, allowing us to use interventions guided by the links of the knots, as in the orders of the Real, the Symbolic, and the Imaginary. The intervention of the psychoanalyst in some situations of triggered psychosis, or when nearing one, may be considered as a kind of mend knot, different from the *sinthome*. This mend knot is temporary, and permits stabilization, thus the clinical work and the belief in the *sinthome* can be effective.*

## Keywords

Psychosis, borromean knot, *sinthome*

## Marcia Müller Garcez

UFRJ

Psicanalista na Clínica Falasser, Niterói RJ; participante da Escola Brasileira de Psicanálise; doutoranda da Ufrj, com conclusão em 01 de abril de 2016

## Ruth Helena Pinto

Cohen

UFRJ

Professora Adjunta da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ; Membro da Escola Brasileira de Psicanálise EBP/AMP

## Do RSI ao sinthoma: a necessidade de um quarto nó

Lacan criou o neologismo sinthoma, como uma nova forma de escrever o sintoma, a partir de uma grafia antiga de origem grega e, teve como inspiração a leitura da obra de James Joyce. O autor fez uso do sinthoma para se referir ao que há de mais singular em cada sujeito, para indicar os restos sintomáticos, ou mesmo para atar a amarração dos três registros – Real, Simbólico e Imaginário – rompida no desencadeamento psicótico. Essa última afirmação nos traz uma questão importante: todas as amarrações nos casos de psicose se dão a partir do sinthoma? Ou será que podemos abordar alguns casos – talvez os mais próximos de desencadeamento, ou mesmo desencadeados – pela leitura borromeana de três nós, onde o quarto elemento pode ser um nó-remendo construído ou oferecido por outra via, talvez a propiciada pelo analista?

A partir do Seminário 22: RSI, Lacan tratará os termos – Real, Simbólico e Imaginário – apesar de já tê-los usado desde o início de seu ensino – de forma específica, ou seja, nomeações feitas a partir do nó.<sup>1</sup> Na primeira aula<sup>2</sup>, propõe trabalhar com esses termos, ressaltando “que essas três palavras, Real, Simbólico e Imaginário, têm um sentido”. Segundo ele, há uma vertente que tende a homogeneizá-los, mas indica que se deve pensar a relação entre eles, ressaltando que, apesar de serem equivalentes, isso não significa que funcionem da mesma maneira. Em suas palavras: “só encontrei uma única forma de dar a esses três termos, Real, Simbólico e Imaginário, COMUM MEDIDA que é enlaçando-os neste nó”. A intenção de atribuir-lhes uma medida comum nos parece um esforço que desliza ao longo de seu ensino, no qual alguns desses termos obtiveram ênfase. Além dessa vertente, encontramos muitas orientações na leitura dos nós, indicando-nos a importância dessa topologia para o discurso analítico:

[...] se o discurso analítico funciona, é certamente porque perdemos alguma coisa em outra parte. Aliás, o que poderíamos realmente perder, se, na verdade, o que acabo de dizer, a saber, que todos os sistemas da natureza que surgiram até aqui são marcados pela debilidade mental, para que então ater-se tanto a eles? Restam-nos pelo menos esses aparelhos-pivô, cuja manipulação pode nos permitir dar-nos conta de nossa própria, refiro-me a nós analistas, a nossa própria operação.<sup>3</sup>

Assim, caminhando na direção de encontrar a forma e a relação para os termos do nó, Lacan retoma os significantes do texto freudiano (2009 [1926]) Inibição, Sintoma e Angústia como nomes que constituem a estrutura do ser falante. Trata a Inibição como nomeação do imaginário, o Sintoma como do simbólico e a Angústia como nomeação do real.

Ainda no Seminário 22, encontramos a primeira indicação de uso de um quarto nó. Lacan destaca que é possível aproximar seu nó de Freud, apesar de ele não ter tido a ideia do Real, Simbólico e Imaginário, ou seja, Lacan indica haver no pai da psicanálise uma referência à ex-sistência e uma referência ao Real.

O que fez Freud? Vou contar. Fez o nó com quatro a partir dos seus três, esses três que lhe suponho armadilha. Mas então, eis como procedeu: inventou algo a que chamou de realidade psíquica. [...] É o que pode atar com um quarto termo, o S, o Imaginário e o Real, naquilo que Simbólico, Imaginário e Real são deixados independentes, estão à deriva, em Freud, é enquanto isto que lhe é preciso uma realidade psíquica que até essas três consistências.<sup>4</sup>

O quarto nó, atando os três registros, aparece então, em Freud, como realidade psíquica, que, para Lacan “tem perfeitamente um nome, é o que se

### 1

Os seminários inéditos foram as aulas proferidas por Lacan em Paris, transcritas por aqueles que se dedicaram a deixar o material registrado até que saísse a publicação oficial.

### 2

Seminário 22, RSI (inédito). Aula 10 de dezembro de 1974.

### 3

Seminário 22, RSI (inédito). Aula de 10 de dezembro de 1974.

chama Complexo de Édipo.”<sup>4</sup> Lacan passará à pluralização dos Nomes do pai, quando apontará que o Nome-do-Pai, tal como funciona na neurose, é apenas uma das suplências possíveis para o enlaçamento dos três registros, que estariam desatados estruturalmente.

Para compreendermos melhor a questão do sentido e da relação que Lacan propõe entre os três círculos, entendendo a necessidade da inserção de um quarto que ele melhor formalizará no Seminário seguinte (LACAN, 2007[1975-76]), convém entrarmos na topologia dos nós elucidada nas aulas deste Seminário de 1974 e 1975, RSI. Sobre a intenção dessa topologia, nos diz Lacan: “Se fui levado à mostraçãõ desse nó, enquanto o que buscava era a demonstração de um fazer, o fazer do discurso analítico, isso é bastante, diria eu, mostrativo ou demonstrativo.”<sup>5</sup>

Lacan, ao apresentar o nó borromeano no Seminário 19 (2012 [1971-72]), nos diz que tomou contato com ele em um jantar, quando se deparou com o brasão de armas da família Borromeo (p. 88). Partiu então deste e nomeou cada um dos três elementos de sua topologia como R, S, I: Real, Simbólico e Imaginário. A principal característica dos três elos enodados borromeamente é que eles são costurados, por um terceiro, a partir de dois anéis soltos.

Portanto, basta cortar um para que os outros dois se soltem, mesmo que dêem a impressão de estar ligados, exatamente no caso dos que vocês conhecem bem, ou seja, os anéis dos jogos olímpicos, que, aqueles sim, continuam ligados quando um deles cai fora. Pois bem, com estes aqui, acabou-se! Isso é uma coisa que realmente tem seu interesse, pois é preciso lembrar que, quando falei de cadeia significativa, sempre impliquei essa concatenação. (LACAN 2012 [1971-72], p. 89).

Evidentemente, a partir dessa primeira apresentação, encontramos diversas outras formas e momentos em que Lacan o explica. “A definição do nó borromeano parte de três. É, a saber, que se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam livres todos os três, ou seja, os dois outros se soltam”<sup>6</sup>. É de suma importância reafirmar essa questão sobre a maneira como estão atrelados, pois o verdadeiro, ou original, nó borromeano é este apresentado a Lacan, oriundo do brasão da família Borromeo, com essa característica específica de enodamento.

Lacan alternou as cores dos elos simbólico e imaginário em algumas de suas aulas, assumindo a dificuldade de realizar tal trabalho: “é preciso interessar-se por isto que desenhei no quadro, embora com alguma dificuldade, como vocês puderam perceber pelo fato de várias vezes eu ter me enganado de cor.”<sup>7</sup> Podemos notar, na imagem abaixo, que o Real vem em primeiro, enquanto o Imaginário é sobreposto ao Real. Em princípio, teríamos os dois registros soltos. O simbólico, sendo o terceiro, passa pelos dois enodoando-os em uma espécie de costura, conforme a figura 1:

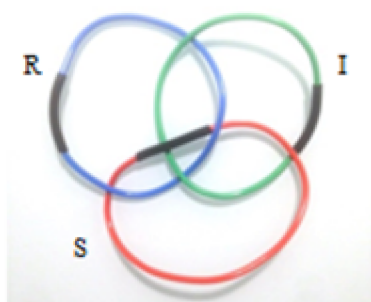


Figura 1: Nó borromeano com três elos representativos do Real, Simbólico e Imaginário (imagem feita a partir de fotos tiradas pela autora durante a confecção de nós com fios elétricos)

**4**  
Seminário 22, RSI (Inédito). Aula de 14 de janeiro de 1975.

**5**  
Seminário 22, RSI (inédito). Aula de 11 de março de 1975.

**6**  
Seminário RSI (inédito). Aula de 10 de dezembro de 1974.

**7**  
Seminário 22, RSI (inédito). Aula de 10 de dezembro de 1974.

Na aula de 17 de dezembro de 1974, o autor faz três observações: uma, em forma de pergunta, ou seja, se o nó seria um modelo. Responde que, apesar de se situar no imaginário, como os modelos, ele o considera uma exceção. A segunda observação consiste no valor do nó, qual seja, o de dar conta da experiência analítica. E, em sua última observação, diz: “O que introduzo através dessa observação é que o gozo, à vista dessa consistência imaginária, não pode senão ex-sistir, ou seja, parodiar isto: é que, à vista do Real, o de que se trata no gozo é outra coisa além do sentido”. Com isso, lança a questão da consistência, que ele confere ao imaginário; da existência, conferida ao Real; e a do furo, conferida ao simbólico. A partir daí torna-se possível localizar outros elementos da dinâmica psicanalítica na interseção dos anéis, das quais não nos deteremos no presente artigo. Encontramos uma nota de rodapé esclarecedora sobre a ‘Ex-sistência’ no texto de Miller (2002), em que ele situa os três registros – Real, Simbólico e Imaginário – em relação à experiência analítica:

Lacan afirmou que o nó estava em relação com a prática analítica. Primeiramente, há o simbólico. Vocês recebem alguém, vocês lhe pedem para falar. Desse modo vocês põem em ação a função da fala, o que mobiliza o campo da linguagem. Em segundo lugar, há o imaginário. A análise só funciona se o corpo também estiver ali, na experiência. Em terceiro lugar, está o real, isto é, a instância do que não tem sentido. (p. 10).

No seminário seguinte, Lacan volta a questionar a topologia dos nós em apenas seus três elementos. Para ele, “a abordagem matemática do nó na topologia é insuficiente”. (LACAN, 2007 [1975-76], p. 42). Como já levantado no seminário anterior, constatou ser sempre necessário um quarto termo para que a reparação seja feita, pois “não há enlace borromeu a três bem-sucedido” (SKRIABINE, 2014, p. 258). Ele insiste em uma busca de amarração quádrupla do nó borromeano de três (quatro vezes o nó de três), tentando, nesse emaranhado de fios, esbarrar em uma impossibilidade, ou uma falha, “seria preciso que eu demonstrasse que ele não pode ex-sistir, e, assim, por esse impossível, um real seria assegurado” (p. 43). Mas ele não consegue avançar nessa hipótese. Logo depois, dois de seus admiradores, ou admiradores da topologia nodal – Soury e Thomé – lhe apresentam a solução do nó, o que indica e reforça a indagação de Lacan acerca do nó de três, como suporte do sujeito, que não comporta uma falha, a impossibilidade concernente ao real. Sendo assim, uma nova amarração e um quarto nó se fazem necessários. Além disso, levanta um segundo problema, que diz respeito à homogeneização desses registros, uma vez que, em apenas três e em sua forma perfeita, sem falhas, corre-se o risco de que se confundam e se tornem contínuos.

Se são tão análogos, para empregar esse termo, não podemos supor que seja em razão de uma continuidade? Eis o que nos leva diretamente a fazer o nó de três. Com efeito, da maneira como esses três se equilibram, se superpõem, não é preciso muito esforço para unir os planos da sua planificação e que lhes darão continuidade. (Lacan, 2007 [1975-76], p. 49).

Verificamos, então, que os registros amarrados apenas em três, RSI, resultam na forma de trevo. Assim, “o imaginário, o simbólico e o real são uma única e mesma consistência, e é nisso que consiste a psicose paranoica” (LACAN, 2007 [1975-76], p. 52). Portanto, a forma de trevo nos indica um funcionamento em circuito dos três registros, que nos parece bem propício ao funcionamento paranoico. Mas como eles se desencadeariam se parecem funcionar de forma tão ligada? Essa questão, que não ousamos responder, reforça a importância de tomarmos a topologia como instrumento e não como a verdade absoluta da clínica. Esta não existe, lembrando o que Lacan nos diz no Seminário 22, a saber: “toda demonstração é uma elucubração”. O

nó de trevo pode nos indicar o funcionamento paranoico em circuito, além de ser um dos problemas levantados por Lacan para pensar o nó com apenas três elos. Contudo, não podemos restringir a ele toda a paranoia que encontramos na clínica. Verificamos essa ideia de circuito e unificação dos três registros na figura 2:



Figura 2: Nó de Trevo, representativo do nó da paranoia (imagem feita a partir de fotos tiradas pela autora durante a confecção de nós com fios elétricos)

Logo, a ideia de um nó sem falhas, mítico ou perfeito não situaria o real, e, associada ao risco de continuidade e unificação do nó, levam Lacan a reforçar ainda mais a proposta de um quarto nó que atrelaria os três registros. Esses dois problemas encontrados no nó borromeano original, de apenas três elos, levam Lacan a uma nova configuração. “Constatarei que, se os três nós mantiverem-se livres entre eles, um nó triplo, que toma parte em uma plena aplicação de sua textura, ex-siste, ele é efetivamente o quarto. Ele se chama o *sinthoma*” (LACAN, 2007 [1975-76], p. 55). Mais adiante, quando Lacan se pergunta se Joyce era louco, novamente faz referência à unificação do nó.

Louco, por que, afinal de contas, Joyce não o teria sido? Ainda mais porque isso não é um privilégio, se é verdadeiro que, em grande parte, o simbólico, o imaginário e o real são emaranhados a ponto de um continuar no outro, na falha de operação para distingui-los como na cadeia do nó borromeano – do pretense nó borromeano, eu diria, pois o nó borromeano não é um nó, é uma cadeia. Por que não apreender que cada uma dessas argolas continua uma na outra de um modo estritamente indistinto? Ao mesmo tempo, ser louco não é um privilégio. O que proponho aqui é considerar o caso de Joyce como respondendo a um modo de suprir um desnodamento do nó. (Lacan, 2007 [1975-76], p. 85).

Mas por que Joyce? Seguindo Lacan, a partir de seu encontro com a obra de Joyce, constatamos que ele muda o rumo do Seminário seguinte ao ‘RSI’, que, segundo ele, se chamaria 4,5,6..., para ‘O *sinthoma*’. Tentaremos elucidar o que se deu nessa passagem, que deixou uma marca fundamental em seu último ensino. Cabe indicar que a escrita da letra joyciana, sem sentido, uma vez publicada, conseguiu fazer laço social, o que muito intrigava Lacan.

### A luz de Joyce e o *sinthoma*

Cinco meses antes de dar início ao Seminário 23, Lacan foi convidado por Jacques Aubert a dar uma conferência sobre James Joyce, que foi fundamental para iluminar esse momento de seu ensino e fez com que mudasse o título e o destino de seu Seminário seguinte. A conferência consistiu na abertura do 5º Simpósio Internacional de James Joyce (LACAN, 1986), em 16 de junho de 1975 e foi intitulada ‘Joyce, o *Sinthoma*’.



É a propósito dessa obra que me deixei ser levado a inaugurar Joyce a título de um simpósio, a partir de uma ardorosa solicitação de Jacques Aubert, aqui presente e igualmente ardoroso. Foi também por isso que, por fim, me deixei desviar do projeto, que lhes anunciei no ano passado, de intitular o Seminário deste ano como 4,5,6. Contentei-me com o quatro, e me alegro com isso porque, com o 4,5,6, eu teria sucumbido. (Lacan, 2007 [1975-76], p. 12).

Não menos fácil seria trabalhar com o nó quatro, sobre o qual sabemos ter sido nomeado de *sinthoma*. De todo modo, interessa-nos como a inspiração joyciana marcou a passagem do Seminário 22 ao 23.

Jacques-Alain Miller, na ‘Nota Passo a Passo’ da publicação do Seminário 23, levanta a hipótese do que Lacan pretendia com o dito Seminário ‘4,5,6’, se não tivesse se desviado para Joyce. Segundo Miller, Lacan pretendia dar sequência às combinatórias possíveis de  $RSI + \Sigma$ .

Minha hipótese é, portanto, que Lacan previa privilegiar o estudo dos três nós, fazendo aqui esse acréscimo quanto aos três primeiros que já figuravam no segundo quadro, e que o seminário RSI visava. Os nós 4, 5, 6 seriam RIS, SRI e ISR, mais a quarta rodinha  $\Sigma$ . Imagino que, em um segundo tempo, a exploração dessa única via não teria fornecido os resultados que Lacan esperava. Seguir a pista de Joyce lhe teria parecido mais fecundo. (MILLER, 2007, p. 203).

Lacan relata sua admiração por Joyce e comenta que, desde jovem, carregava consigo pilhas de livros do escritor e sobre ele (LACAN, 2007 [1975-76]). Na versão encontrada em ‘Outros Escritos’, Lacan (2003 [1975]) menciona que sua relação com Joyce se iniciou precocemente, quando o conheceu aos 20 anos, em Paris e que “dali algo persistiu” (p. 566). Lacan apresenta a conferência ao modo joyciano, brincando com as palavras em suas contrações e homofonias, de onde também destacamos a escrita com ‘h’ de o *sinthoma*. Dessa forma, além de retomar a grafia antiga, *sinthome*, faz homofonia, pela contração dos termos, com Santo (Saint) e Homem (Homme), além de fazer referência a São Tomás de Aquino, teólogo, filósofo e padre admirado por Joyce. “(...) Joyce, o Sintoma [Symptôme], por seu artifício, leva as coisas a um ponto em que nos perguntamos se ele não é o Santo, o santo homem [saint homme] até não ter mais p” (LACAN, 2003 [1975], p. 562). Verificamos abaixo a formação nodal do *sinthoma* a partir da figura 3:



Figura 3: Nó borromeano de quatro elos, representativo de Real, Simbólico e Imaginário +  $\Sigma$  (*sinthoma*) (imagem feita a partir de fotos tiradas pela autora durante a confecção de nós com fios elétricos)

Doris Rinaldi, em um artigo oriundo de um trabalho aceito para apresentação no Simpósio Joyce-Lacan, em 2005, no Castelo de Dublin, na Irlanda, destaca que Lacan sempre se deixou capturar pela escrita. Apesar da concepção da psicanálise como prática da fala, a escrita traz suas relações com o inconsciente. Segundo a autora, “o escrito, e mais radicalmente a letra,

são também efeitos de discurso. Estão, todavia, em outra dimensão que o dizer, pois a letra por si só não tem sentido algum”. Mais adiante completa que o fascínio de Lacan por Joyce “advém justamente do modo como utiliza a linguagem, construindo uma escrita em que o jogo de letras revela algo que é fundamental para a experiência analítica, que é o lapso.” (RINALDI, 2006, p. 77). Essa escrita que atrai Lacan, a serviço de tentar explicar o inconsciente, não se distancia da matemática e, principalmente, da topologia da qual faz uso com a mesma intenção. E assim como a topologia engendra o avanço no ensino lacaniano, destacamos como ele mesmo ressalta, que o sintoma, em Joyce, está em contraposição ao sujeito estruturado como linguagem:

Eu disse que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. É estranho que se possa também chamar desabonado do inconsciente alguém que joga estritamente apenas com a linguagem, ainda que se sirva de uma língua entre outras e que é, não a sua – pois a sua é justamente uma língua apagada do mapa, a saber, o gaélico, da qual ele sabia alguns pedacinhos, o bastante para se orientar, mas não muito mais – portanto, não a sua, mas aquela dos invasores, dos opressores. (LACAN, 2007 [1975-76], p. 162).

Afinal, afirma Lacan: “mas é claro que a arte de Joyce é alguma coisa de tão particular que o termo *sinthoma* é de fato o que lhe convém.” (LACAN, 2007 [1975-76], p. 91). Não por ser exclusivo da arte, mas pela função que esta desempenha no universo de Joyce.

De acordo com Mónica Torres, a partir do que demarcou sobre o “finalíssimo” ensino de Lacan, “saber-fazer ali com o *sinthoma*, [...] é a resposta que Lacan nos deixou”. Sobre a solução constituída pela escrita joyciana, a autora acrescenta: “essa solução singular advém pela via do *sinthoma* e pelo consentimento do fora de sentido; ao passo que a fantasia é uma falsa solução enviscada nos impasses do não-sentido” (TORRES, 2009, p. 329).

Em seu Seminário recém-lançado, ‘Todo el Mundo es Loco’, Jacques-Alain Miller nos fornece uma frase precisa que ratifica a questão do *sinthoma* e a do não-sentido. Diz ele: “a exclusão do sentido foi a paixão de Lacan” (MILLER, 2015, tradução nossa, p. 284). Isso nos indica que, o percurso de Joyce nos leva também à escolha de Lacan quanto ao rumo a ser tomado em seu Seminário 23: o *sinthoma*.

Enfatizamos o *sinthoma* como o quarto nó, tendo em Joyce uma nova configuração, ou o ponto vital do derradeiro, do *tout dernier* ou do *ultimíssimo* ensino de Lacan (MILLER, 2013). No entanto, basta procurarmos outros exemplos na arte, ou na própria clínica, amparados pelo ensino lacaniano, podemos circunscrever o *sinthoma*. Desde a psicose, em seu arranjo a partir do *sinthoma* como quarto nó, até o final de análise como possível de ser localizado nos testemunhos de passe – que não abordaremos aqui – o *sinthoma* não cessa de nos ensinar: “Não se trata absolutamente de cura, tampouco de valorizar apenas a decifração dos sintomas para abrir para o que chamáramos outrora de travessia do fantasma” (MILLER, 2010, p. 44). Assim, o último ensino nos confronta inexoravelmente com o gozo.

Depois de termos percorrido um pouco o conceito de *sinthoma*, partiremos agora para uma aproximação da prática clínica, na qual supomos que os sujeitos não consigam fazer o arranjo suficiente para manter os nós atados. Nesses casos, torna-se imprescindível, outra intervenção, distinta do *sinthoma*, mas que também implica um quarto nó, sendo que um nó-remendo.

### *Nó-remendo: um arranjo distinto do sinthoma*

Passemos agora, a explorar mais diretamente nossa ideia de nó-remendo, a partir da topologia borromeana, não sem levar em consideração

o que fora abordado até agora, pela via do *sinthoma*. A leitura dos desencadeamentos psicóticos sempre irá aludir aos nós que não se mantiveram juntos por algum motivo. Por esta via, optamos por trabalhar com a hipótese de remendo nos nós, a partir da proximidade ou do desencadeamento propriamente dito.

A escolha de nosso termo – remendo – nos foi inspirada e fundamentada ao verificarmos que Freud, no texto *Neurose e Psicose*, propõe que “o delírio se apresenta como um remendo, onde originariamente se produz uma fenda entre o ‘eu’ e o mundo exterior”. (FREUD, 2009 [1924], tradução nossa, p. 157). Assim como em Freud há uma tentativa de solução a partir do delírio – como uma forma de remendo –, nossa proposta é trazer o remendo como recurso topológico de defesa na iminência do desencadeamento psicótico, evidenciado pelo desatamento do nó, indicando assim uma espécie de solução contingencial e apaziguadora.

Verificamos então que, em função de uma falha estrutural, sempre será necessário o quarto termo. Apostamos na tentativa de fazer algum tipo de remendo, lançando mão de um trabalho reparador, quando pensamos em casos graves de psicose. Nossa reflexão se dirige à seguinte questão: como podemos tomar a leitura dessa forma de enodamento na direção de um tratamento, ao identificarmos o sinal de um possível desencadeamento da psicose, ou mesmo quando isso já ocorreu? A ideia deste artigo se sustenta neste ponto segundo o qual o *sinthoma*, sendo o mais singular de cada sujeito, pode não ser um recurso possível, em um primeiro tempo – emergencial –, para alguns sujeitos, ou seja, em momentos críticos, como o do desencadeamento da psicose. Nossa questão se apoia em tomar a leitura borromeana do ‘RSI’ e indicar que, através de um nó-remendo, alguns sujeitos se sustentam e se estabilizam, sendo possível verificar seu uso clínico em alguns casos de psicose. Antônio Beneti (2005) propõe a passagem “do discurso do analista ao nó” (p. 2) e sustenta que, no discurso da atualidade, com o declínio do pai na cultura, o delírio e a metáfora delirante tendem à extinção.

Este século se opõe à metáfora delirante. Vamos, com certeza, encontrar situações onde pouco podemos fazer com essa saída. Mas, encontramos muitas, nas psicoses recentemente desencadeadas, onde podemos partir para um outro trabalho: o de construção de uma suplência *sinthomática*. (p. 4).

Para o autor, a passagem do discurso ao nó não implica em desconsiderar o sujeito em relação ao discurso: passar a uma operação com os nós não significa “operar somente com o nó sem saber que lugar estamos ocupando para o sujeito.” (p. 10). No entanto, sua ideia se fundamenta em o analista poder “posicionar-se como um secretário que não coloca significantes Um (S1) para nortear o trabalho do sujeito, possibilitando, assim, que esse lugar fique vazio, ou pode posicionar-se como testemunha” (p. 11). Essa hipótese de construção *sinthomática*, nos parece interessante, mas podemos pensar em localizá-la em um a posteriori. Digamos que a nossa hipótese se situa em um tempo anterior, emergencial, no qual a invenção está mais do lado do analista do que do próprio sujeito. Talvez pudéssemos dizer que, na leitura borromeana, localizamos o desencadeamento a partir da falha na nodulação em que, por exemplo, o simbólico rateia ao costurar os três elos, possibilitando que o imaginário se solte. Abaixo, a proposta do nó-remendo localiza onde se deu a falha, produzindo uma forma específica de sutura, diversa da do *sinthoma*, como verificamos na figura 4:



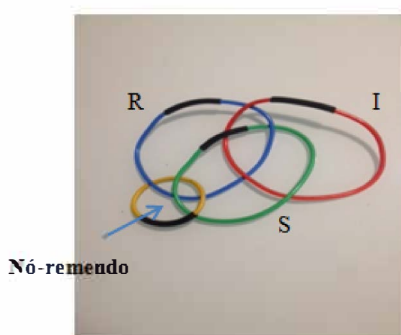


Figura 4: Nó borromeano com uma falha na qual se inseriu uma espécie de nó-remendo (imagem feita a partir de fotos tiradas pela autora durante a confecção de nós com fios elétricos)

Marcelo Veras (2014) propõe estender a expressão sinthomatização às psicoses desencadeadas afirmando: “Com o último ensino de Lacan, aprende-se que no tratamento da loucura há como dispensar a ordem simbólica que se estrutura, valendo-se do Nome-do-Pai, mas não se deve abrir mão do sinthoma” (p. 181). Valemo-nos dessa afirmativa, a fim de elucidar que não pretendemos, com nossa hipótese, abrir mão do sinthoma, mas justamente operar em determinado tempo lógico e em determinada intervenção no intuito de possibilitar, a posteriori, a construção sinthomática (BENETI, 2005) ou a sinthomatização nas psicoses (VERAS, 2014). Destacaremos, então, como exemplo clínico um caso do próprio Marcelo Veras (2014) publicado no livro *A Loucura Entre Nós*. Assim, tentaremos considerar um exemplo de intervenção do analista, como o que sustenta nossa ideia de nó-remendo.

### Caso M: uma invenção do lado do analista

O ‘Homem das Academias’ – M – chega ao analista com dificuldades de se adaptar à terra natal de seu pai, que resolvera buscar em determinada ocasião de sua vida. Tinha frequentes desentendimentos e sua irritação para com todos à sua volta eram prenúncios de passagens ao ato. Constantes perturbações com a vizinhança geravam acessos de cólera na presença dos moradores. Além disso, anunciava aos seus familiares suas intenções de explodir o local em que morava.

Com muita resistência, mas impulsionado para a via transferencial por não ter mais com quem falar, aceita o encontro com o psicanalista. Apesar de um início tenso e com agressões para com seu ‘interlocutor’ – expressão usada por M –, o trabalho inicial permitiu alguma reconstituição de sua história. Relatou sua passagem por um internato, ainda na infância, quando a família tinha uma situação financeira difícil, um retorno com sua mãe à terra natal, após ela se separar de seu pai, que por vezes o espancava sem motivos aparentes. Os movimentos de defesa que marcam o seu posicionamento diante dos outros incluem o aprendizado de artes marciais e se referem a essa época do internato, quando sofria agressões de outros alunos.

A vida financeira do paciente melhorou a partir de um novo relacionamento de sua mãe, abrindo assim uma nova condição de vida e a possibilidade de concluir o curso universitário de comunicação. Manteve uma relação estável por alguns anos com uma namorada, que, aos poucos, inviabilizou-se em função das constantes intromissões de sua mãe, que era também a responsável financeira do casal. Naquela ocasião, resolveu ir à terra paterna com a intenção de buscar uma pensão ou herança que o sustentasse. Veras (2014) localiza aí, na ida atrás do pai, o desencadeamento da psicose, que desemboca nos problemas para com sua vizinhança. “Quando finalmente chega à Bahia, conhece uma parte de suas origens. Em pouco tempo, seus familiares, recém-conhecidos, igualmente se transformam em inimigos que, em sua opinião, só queriam saber de seu dinheiro” (p. 194).

M. frequentava uma academia que lhe trazia apaziguamento e lhe deu a possibilidade de pretender tornar-se halterofilista, além deste fato ser um ponto de conquista para com as mulheres. O analista passa então a escutar as confidências minuciosas de suas performances de corpo e as relações sexuais com algumas mulheres. As histórias com elas se repetiam e continham sempre o desfecho no qual, em determinado momento, “sua virilidade estava sendo posta à prova pela parceira” (p. 195), o que ocasionava a ruptura do laço deixando-o com pensamentos suicidas ou de extermínio do mundo. A preocupação com a virilidade desembocou no episódio de abaixar as calças, durante uma sessão, para que o analista conferisse se seus órgãos estavam normais, o que foi acolhido pelo analista que assim se posicionou: “a única atitude possível foi dizer-lhe que podia ficar tranquilo, que ele era realmente um homem e que seus órgãos pareciam normais” (p. 195).

Essa intervenção parece muito importante, pois abre um novo caminho no trabalho analítico, mas ainda não consiste na intervenção que aproximamos da nossa ideia de nó-remendo. A partir daqui, inicia-se um novo projeto onde M. retoma sua atividade de jornalista deixando de se ocupar um pouco de seu culto ao corpo. Realiza pesquisas e encaminha textos ao analista, que contemplavam sua ideologia de esquerda e a condenação da corrupção e do capitalismo.

A fase crítica do mundo contemporâneo abriu nova etapa em seu tratamento. M. passou a se preocupar muito menos com os hábitos e com a cultura da cidade onde vivia. Trocou as reclamações dos vizinhos pela denúncia do gozo do Outro sob a forma de crítica às superpotências que esmagam os países mais pobres. As perspectivas de um mundo globalizado permitiram que o Outro perseguidor deixasse de habitar o apartamento ao lado, para se localizar no horizonte assintótico dos sites da internet. Aos poucos conseguiu estabelecer alguns laços de amizade num novo grupo social, ainda ligado ao corpo, mas com preocupações menos viris, mediante uma prática oriental (VERAS, 2014).

Esse movimento foi reforçado por práticas sociais que envolviam crianças e possibilitavam um resgate da própria infância. Educar passou a ser uma função possível e restauradora do gozo do Outro. Sem dúvida reconhecemos um avanço e uma construção sinthomática no percurso do caso. Todavia, cabe enfatizar o fato da irrupção de um novo sintoma, que perturbou o laço social duramente recuperado (VERAS, 2014). Seu olhar passou a ser atraído por objetos valiosos, o que M. interpretava como vontade de roubar. Marcelo Veras se pergunta se não seria o retorno no real do objeto olhar. “Há de início o gozo do olhar do Outro, a perseguição sem trégua desse olhar, e em seguida, uma reversão que gera uma compulsão de olhar, sem que o sujeito se reconheça como aquele que olha” (p. 196). Em um terceiro tempo, a subjetivação do olhar, que fora possível como observador e crítico do mundo, se apresenta como perturbadora, vindo a desencadear novamente os fenômenos elementares no sujeito. É nesse ponto que o analista, após supervisão, elabora uma intervenção contendo alguma interpretação que dá algum sentido ao real desse gozo do olhar, possibilitando o resgate da subjetivação. Marcelo Veras, então, pôde inventar uma interpretação pela via do sentido, descrita por ele nos seguintes termos:

(...) M. sempre se interessou pela psicanálise e, atormentado por sua compulsão a olhar, perguntava com frequência como a psicanálise poderia ajudá-lo, ou seja, o que a teoria tinha a dizer sobre isso. A resposta do analista à sua compulsão escópica foi esta: “Não sou eu quem o diz, mas lhe darei uma interpretação freudiana. Se você melhorar, é porque a psicanálise está certa: a bolsa que você olha significa a política de direita, o capitalismo, ou seja, tudo o que você sempre criticou”. M. ouviu atentamente essa interpretação e, nas sessões seguintes, disse-me que era bem possível que Freud estivesse certo, pois a compulsão havia diminuído bastante. (2014, p. 197).

Destacamos que a nossa proposta de nó-remendo é justamente uma intervenção, por parte do analista – sem por isso descartar a aposta no *sinthoma* –, por meio da qual ele propõe a inserção de algo que funcione como remendo à falha do nó. É o que nos demonstra o exemplo da última imagem dos nós, no decorrer deste artigo, onde utilizamos o elo amarelo para indicar a nossa hipótese.

Vimos que o analista, em diferentes momentos, facilita a inserção social de seu paciente, além de acolher a demanda de uma confirmação de virilidade deste, como se viu no episódio de exposição do órgão genital, ocupando, assim, o lugar de um Outro que confirma ao paciente, com seu olhar, que ele tem um corpo. Tal intervenção foi chamada pelo autor de uma “posição mais ativa na cura” (p. 198). Acreditamos ter encontrado, nesse fragmento de caso, uma “mostração” do que chamamos remendo no nó. Em vista de um desencadeamento eminente, acreditamos que o analista lançou mão – valendo-se justamente dessa posição mais ativa – de um nó-remendo como um artifício provido de sentido para intervir no real do gozo.

## Considerações finais

Enveredando pela topologia, investigamos a entrada em circuito da lógica nodal, a partir do nó estampado no brasão da família dos Borromeus – nó borromeano –, cuja forma específica de amarração possibilitou repensar os registros RSI – Real, Simbólico e Imaginário – em outra disposição. Todavia, com apenas esses três anéis formando o nó, evidenciou-se dois problemas em sua transposição para a psicanálise: 1) era um nó perfeito, não comportava uma falha, ou seja, era um nó mítico, não condizente com a estrutura do sujeito que prevê uma falha; 2) eram amarrados de tal forma – originalmente a do brasão – que se corria o risco de eles perderem a propriedade heterogênea e configurarem um único anel, contínuo, sem que pudessemos identificar os registros RSI, resultando no nó único indicado na paranoia. Acompanhamos, então, a necessidade e o incansável esforço de Lacan e de seus discípulos para encontrar uma nova forma de manter os elos juntos, porém com outra disposição. Desse modo, verificamos como se chegou à premência de um quarto nó e todo o complexo embasamento teórico que participa desse processo.

Embalado pela topologia dos nós e pelas descobertas que eles propiciavam, Lacan anuncia o Seminário seguinte ao RSI como uma continuação do nó original, nomeando-o 4,5,6.... Todavia, algo fez com que mudasse de rumo, mudança necessária ao advento de seu último ensino, que vimos e ressaltamos em nota de rodapé, a ser tratado também como o derradeiro, o ultimíssimo, ou o *tout dernier* (MILLER 2013). Para o nosso estudo, foi de suma importância localizar essa mudança de rumo dos seminários de Lacan, ocorrida por ocasião em que foi convidado para proferir uma conferência sobre o escritor irlandês, James Joyce. Poderíamos dizer que, nessa conferência, temos não só a mudança de rumo, como também a mudança sobre o que seria o quarto nó, tão ensaiado até então. Para enveredarmos na influência joyciana dessa manobra, nos foi conveniente entender um pouco mais dessa influência que encantou Lacan, além da solução encontrada por Joyce, por meio de sua escrita, que tanto contribuiu para o conceito lacaniano de *sinthoma*.

Assim, nos sentimos assegurados em ter avançando na compreensão topológica incutida nesse manejo dos anéis, que dizem do falasser, ou ser falante e, em especial, no que diz respeito à possibilidade de se encontrar amarrações em casos graves de psicose que se apresentam na clínica psicanalítica. A hipótese aqui apresentada é justamente indicar específicas situações de amarração, nas quais o quarto nó não tem o mesmo estatuto do

sinthoma. Nomeamos esse quarto nó de nó-remendo, inspirados pelo termo freudiano de remendo como algo reparador relacionado ao delírio.

Nosso intuito de diferenciar um quarto nó distinto do sinthoma não se refere apenas à criação de um outro nó, mas também salvaguardar o sinthoma em seu uso preciso, apurado, apontado pelo ensino lacaniano, além de distingui-lo de toda ou qualquer amarração que mantenha os três registros juntos. Por vezes, encontramos em uma intervenção que venha de fora, como a do psicanalista, por exemplo, a possibilidade de estabilizar contingencialmente a amarração, sem por isso chamarmos esse nó, que ata os demais, de sinthoma.

O sinthoma tem essa função, ou seja, ele sustenta os demais, mas de uma forma singular, própria do falasser, enquanto que o nó-remendo pode advir de uma intervenção na qual a invenção está mais do lado do outro – podendo aqui ser incluído o psicanalista, por exemplo – do que do lado do próprio sujeito. Com isso, acreditamos que, além de salvaguardar o uso do sinthoma, como dissemos acima, é possível favorecer a direção do tratamento e salientar pequenas intervenções do psicanalista, de modo que sua ação também entre em cena no tratamento possível das psicoses e possa ser verificada.

Por essa razão, a partir de uma intervenção do psicanalista Marcelo Veras (2014), optamos por considerar a hipótese de um quarto nó – nó-remendo – oferecido pelo outro, permitindo, de alguma forma, manter os registros psíquicos R.S.I. atados, para que, em um tempo seguinte, o trabalho clínico possa continuar na direção do sinthoma. Melhor dizendo, apostando que algo singular do sujeito ainda possa advir e, por si só, tornar-se uma melhor solução.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 26/03/2016

**Aceito:** 04/07/2016

## Referências bibliográficas

BENETI, Antônio. Do discurso do analista ao nó borromeano: contra a metáfora delirante. In: **Opção Lacaniana** on-line, n. 3, p. 1-17, 2005.

FREUD, Sigmund. Neurosis y psicosis (1924). **Obras Completas de Sigmund Freud**. Volume XIX. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2009.

\_\_\_\_\_. Inibición, sintoma y angustia (1925). **Obras Completas de Sigmund Freud**. Volume XX. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2009.

Lacan, Jacques (1974-75). Seminário 22, RSI, Inédito.

\_\_\_\_\_. **Joyce, o sintoma**. Coimbra: Escher S.A., 1986.

\_\_\_\_\_. Joyce, o sintoma (1975). In: **Outros Escritos**, p. 560-566. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Seminário**, livro 23: o sinthoma (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Seminário**, livro 19: ou pior... (1971-72). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

MILLER, Jacques-Alain. A Ex-sistência. In: **Opção Lacaniana**, n. 33, p. 8-12. São Paulo: Edições Eolia, 2002.

\_\_\_\_\_. Nota passo a passo. In: LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007.

\_\_\_\_\_. Abertura da plenária. In: **Opção Lacaniana**, n. 58, p. 43-44, São Paulo: Edições Eolia, 2010.

\_\_\_\_\_. **El ultimíssimo**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

\_\_\_\_\_. **Todo mundo es loco**. Buenos Aires: Paidós, 2015.

RINALDI, Doris. Joyce e Lacan: algumas notas sobre escrita e psicanálise. In: **Pulsional**, ano XIX, n. 188, p. 74-81, 2006. Disponível em: <[http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188\\_06.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188_06.pdf)>. Acesso em: 10 de fevereiro, 2016.

SKRIABINE, Pierre. A psicose ordinária do ponto de vista borromeano. In: **Latusa Digital**, p. 1-12. Ano 6, n. 38, 2009. Disponível em: <[http://www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_38\\_a2.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_38_a2.pdf)>. Acesso em: 10 de fevereiro, 2016.

TORRES, Mónica. Sentido e fora de sentido. In: **Scilicet**: semblantes e sinthomas, AMP, p. 327-329. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2009.

VERAS, Marcelo. **A loucura entre nós**. Uma experiência lacaniana no país da saúde mental. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.